

ARTE EM METAL



Admirar uma peça de arte, na maioria das vezes, se restringe a captar o que a imagem passa. O cérebro capta o comum, ou seja, formas, cores, tamanhos, e nos dá uma concepção pessoal daquilo que vemos. Geralmente não conhecemos a técnica aplicada para que aquele “produto” seja concluído, reflexo da ideia de seu criador e do momento em que vive.

Observar uma tela, por exemplo, nos sugere a utilização da tinta e do pincel, além da superfície que as abriga. Uma escultura em argila, ou em madeira, e já temos concebidas suas matérias primas...

Mas, e obras de arte em metal?



Nettuno



O Homem de La Mancha

Reside em São Paulo um artista, Wagner Ribeiro, que faz parte de um grupo de escultores preocupados com um movimento artístico chamado “Recuperation Art”, que utiliza sucata originária dos bens de consumo para criar suas obras. Ribeiro só utiliza sucata de ferro. Impressionante a montagem das peças, sem utilizar cola nem solda, apenas aparafusadas, formando então o produto final. Geralmente, são réplicas perfeitas, como o “Homem de La Mancha”, com o qual participou no final do ano passado da Feira Internacional de Padova, e “Nettuno”, premiado em segundo lugar na exposição do Castello de Sangallo, na cidade de Nettuno, ambas na Itália, e cujas fotos estão acima. Percebe-se, ao observar pessoalmente a obra, a utilização dos pares de peças nas juntas do corpo, meticulosamente apanhadas, e milimetricamente aplicadas, a formar o conjunto homogêneo, perfeito, de maneira que entendemos e avaliamos a capacidade deste verdadeiro artesão.

Mas, há no Brasil uma atividade intensa ligada também à fundição de obras de arte em metal, particularmente em bronze. Muito embora seja uma técnica milenar, e recente em nosso país, já deixa um acervo cultural importante, dada a grande quantidade de monumentos e esculturas produzidas.



Peças da artista Felícia Leirner, fundidas em bronze, nos jardins do Museu Felícia Leirner, em Campos do Jordão, São Paulo

Segundo o escultor baiano, radicado em São Paulo, Israel Kislansky, em recente palestra realizada no Centro Técnico de Fundação Artística do SENAI, em Osasco / SP, a história da fundição artística no Brasil passou por dois momentos importantes.

O primeiro, ligado à Missão Francesa e a criação da Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro / RJ. Depois, com o início das atividades do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, na primeira metade do século XX.

A partir da década de 60, uma gradativa mudança de interesses fez com que a fundição artística passasse a funcionar de maneira independente, quase sempre ligada a iniciativas comerciais de artistas e artesãos imigrantes, e remanescentes do Liceu. Hoje, no Brasil, permanecem cerca de quinze empresas especializadas em fundição de obras de arte através do método de cera perdida, que é o mais usado para escultura.

Pesquisa:

dasartes.com/2012/palestra-a-fundicao

www.esculturaemmetal.com.br



Marcelo Conti

Sócio da SOLUÇÃO Gestão de Negócios e Cultura Ltda.

www.solucao-gnc.com.br